

Práxis e conscientização: Duas palavras da pedagogia da libertação

Consciousness Raising and Praxis: Two Words in the Pedagogy of Liberation

Paolo Vittoria

*Universidad Federal de Río de Janeiro
Rio de Janeiro-Brasil*

Resumo

Na educação popular brasileira o termo “conscientização” é de uso muito frequente. Muito citado nos diálogos cotidianos e nas elaborações escritas, não é sempre problematizado e historiado. Muitas vezes, especialmente nos âmbitos da educação formal, a circulação deste termo perdeu o seu sentido mais profundo e suas implicações políticas de transformação da sociedade. Neste artigo se problematiza o termo “conscientização” a partir da reflexão sobre outra palavra que pertence a filosofia política: a “práxis”. A práxis e seu vínculo com a ação prático-reflexiva provoca o sentido político da conscientização e sua ligação com a experiência transformadora da educação.

Palavras chave: Conscientização, práxis, educação.

Abstract

In Brazilian popular education, the term “consciousness raising” is very commonly used. Widely mentioned in everyday conversations and in writing, it is not always treated as a problem or historicized. Often, especially in formal education, circulation of this term has caused it to lose its deeper meaning and its political implications for transforming society. This article discusses the term “consciousness raising” by reflecting on another word belonging to political philosophy: “praxis.” Praxis and

its connection with practical-reflective action provoke a political meaning of consciousness raising and link it with the transforming experience of education.

Key words: Consciousness raising, practice, education.

A palavra conscientização

No Brasil, a palavra “conscientização” começou a ser teorizada, problematizada e conceitualizada de uma forma mais profunda e sistemática dentro de grupos de educação popular e movimentos sociais que estavam surgindo no final dos anos cinqüenta. Este termo, ligado a práticas de alfabetização e de educação de base, foi carregado de significados filosóficos e experienciais, identificando as conotações político-pedagógicas dos movimentos culturais que levavam em consideração a importância da consciência histórica e social nos processos educacionais. Entre outros, o filósofo da educação Paulo Freire cultivou cuidadosamente, na experiência e na teoria, os profundos meados desta palavra nos seus sentidos políticos, fenomenológicos e epistêmicos, como ele mesmo relatou no livro *Conscientização. Teoria e prática da libertação*.

... Ao ouvir pela primeira vez a palavra conscientização, percebi imediatamente a profundidade de seu significado, porque estou absolutamente convencido de que a educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade. Desde então, esta palavra forma parte de meu vocabulário, mas foi Hélder Câmara quem se encarregou de difundi-la e traduzi-la para o inglês e para o francês.... A conscientização não está baseada sobre a consciência, de um lado, e o mundo, de outro; por outra parte, não pretende uma separação. Ao contrario, está baseada na relação consciência-mundo. Tomando esta relação como objeto de sua reflexão crítica, os homens esclarecerão as dimensões obscuras que resultam de sua aproximação com o mundo. A criação da nova realidade não pode esgotar o processo de conscientização.¹

1 FREIRE, P. *Conscientização, teoria e prática da libertação*, São Paulo: Centauro, 2005, pp. 29-31.

A análise freiriana do termo conscientização coloca a tomada de consciência como elemento substancial, indispensável e até vital nos caminhos do ensino-aprendizado. Tomada de consciência que se projeta na realidade exterior a partir do nosso ser. A consciência não é auto-suficiente, não é “pura” não é -em outros termos- separada do mundo. Ela se encaminha para algo, se dirige para o mundo, se abre para ele. A relação entre sujeito e objeto do conhecimento abandona as velhas dicotomias inatas ou empiristas e volta-se à interação. A conscientização, como aprimora Freire, não acaba na tomada de consciência, mas evolui na elaboração crítica dela. Implica em ir além da espontaneidade na aproximação à realidade cognoscível, para buscar uma dimensão crítica que procure penetrar em sua essência. Desta forma gera uma nova realidade, torna-se um ato criativo. A criação desta nova dimensão cognoscível não esgota o processo de conscientização, porque ele será sujeito para novas leituras críticas em percursos de conhecimento continuamente disponíveis para revisões críticas.

A conscientização não está limitada a um ato de conhecimento, mas é um percurso inacabado, ou seja, uma busca permanente. Não é redutível a uma atitude intelectual, nem pode ser explicada exclusivamente através de uma sistematização teórica, porque *madurece e floresce através de uma dialética necessária entre ação e reflexão*, na qual assumimos nosso papel de sujeitos do conhecimento. A “conscientização”, sendo uma atitude crítica na história, nunca termina.

Consciência-mundo

O processo de conscientização surge nas relações entre consciência e mundo, através dos desafios e das provocações que esta relação suscita nos processos educacionais. É uma superação daquela que Freire define *consciência intransitiva* a qual, amortizando as explicações da realidade através de interpretações de caráter fatalista ou supersticioso, se revela inadapta a abrir sua compreensão para a realidade e distancia-se dela. Obscurece a luz e se esconde da vida. Aliena-se.

Nas sociedades que sofrem com ritmos frenéticos de consumo e não deixam espaços e tempo para o diálogo e a reflexão, a consciência intransitiva delineada por Freire pode manifestar-se em formas de pensar e agir massificadoras, homologadas, gregárias que não se aprofundam na investigação, mas se satisfazem com preconceitos; temem o diálogo, privilegiam o

parecer ao ser, a imagem codificada à imagem criativa. Podem degenerar em fanatismo ou em modismo.

As degenerações do sistema neoliberal provocam a concepção pela qual a auto-estima cresce paralelamente aos ritmos de produção (não somente materiais e econômicos, mas também culturais e intelectuais), criando uma exigência, às vezes irrefletida e automatizada, de agir rapidamente, que perde de vista a necessária harmonia entre ação, reflexão e tempo. Isso se reflete, por exemplo, numa visão da educação ansiosa de obter os resultados no imediato que, depredada de uma visão de perspectiva, não deixa espaço ao tempo.

Existem traços da consciência intransitiva também em aspectos alienantes da soberania do pensamento mediático. Os meios de comunicação, além de ser um importante veículo de cultura e entretenimento, são cada vez mais instrumentos de poder e manipulação, sutilmente misturado com a própria cultura. Envolvendo aspectos simbólicos, sensíveis e estéticos, invadem nossos cérebros, modificam nossas ações, apagam o senso crítico. Neste sentido, a superação da consciência intransitiva, intrínseca ao processo de conscientização, é uma questão que vai além do analfabetismo estrutural, porque abrange novos analfabetismos, conseqüências da negação do diálogo e da interdição da palavra pela manipulação mediática.

Consciência crítico-histórica

A superação da *consciência intransitiva*, na análise de Freire, pode provocar outro estado da consciência, que, nas suas palavras, é a *consciência crítica*. Ela não se limita a viver a realidade na sua aparência como no estado intransitivo, mas busca o fenômeno, o núcleo vital mais profundo da realidade, sua essência inacabada. Se a consciência ingênua (ou intransitiva) sofre por superficialidade, a consciência crítica age em profundidade, descobre e se descobre através de processos de aproximação gradativos, dialógicos e questionadores ao conhecimento.

Insere-se com inquietação na história. Tende a não aceitar a realidade passivamente, mas a encará-la através de uma análise crítica de situações existenciais, na imersão de problemáticas existentes e entrando no processo de investigação para esclarecer as dimensões obscuras que impedem o conhecimento.

Senso crítico da consciência e sua profunda vitalidade relevam a compreensão do saber como processo dinâmico e em permanente movimento.

A profundidade da consciência nos mostra o presente como *processo histórico* que tem em si a hereditariedade do passado, o fluir atual, o anúncio da realidade futura. Isso não quer dizer que se deva mitificar o novo, nem lamentar o passado, mas olhar para o presente nas suas características infinitamente projetuais, desvelando a mutabilidade da realidade. *Consciência crítica é também consciência histórica.*

Os riscos da conscientização

Neste sentido, a conscientização poderia ser interpretada como um método de conhecimento, um percurso epistemológico que visa à inserção do sujeito na sociedade. Todavia, se esta aproximação do sujeito ao objeto conhecível desconsidera as contradições políticas que geram desigualdade, pobreza, carência, a palavra conscientização acaba perdendo seu sentido originário de transformação revolucionária das relações humanas com a qual emergiu nos movimentos de educação de base e na reelaboração de Paulo Freire.

O próprio pedagogo brasileiro percebeu equívocos em torno da conscientização quando, durante o exílio, discutia este conceito com grupos de pesquisa dos Estados Unidos e da Europa.

A possível ambigüidade da circulação da conscientização que, às vezes, neutraliza seu próprio sentido político reclama a importância de buscar as raízes históricas e políticas deste conceito, no movimento dialético entre reflexão crítica e ação de luta ao neoliberalismo hegemônico. Caso contrário, ela poderia ser reduzida a uma inofensiva prática de conhecimento. Destituída de seu conteúdo político, seria amortizada num conjunto ou numa série de técnicas, úteis para descrever, narrar e contemplar a realidade, ao invés de transformá-la. Assim concebida, se tornaria uma forma ingênua de ensino que substitui a disposição da aula frontal com um círculo de cadeiras, sem indagar as contradições da sociedade capitalista, tampouco se responsabilizando com a transformação política da sociedade e perdendo a coragem de assumir-se como revolucionária.

Por isso, acredito que a experiência de conscientização se vitaliza no seu questionamento, na sua correspondência com a prática, através daquela categoria que em filosofia política vem chamada de *práxis*.

A práxis política

No pensamento político grego, a palavra *práxis* envolvia o uso da razão e a autoridade para resolver problemas de interesse público. Nunca foi entendida como atividade solitária e muda, mas de interação e discussão.

Entre outros pensadores, Karl Marx reformulou o conceito de *práxis* no sentido de ação-reflexão revolucionária. Conceito que pode ser expresso com uma frase do próprio filósofo alemão na Tese XI sobre Feuerbach: “os filósofos só interpretaram o mundo de diferentes maneiras; do que se trata é de transformá-lo”². A transformação requer um conhecimento que não seja puramente contemplativo, mas provoque a experiência prática de mudança dos mecanismos de poder.

A palavra *Práxis* vem de “prática”, mas transcende seu significado. A palavra “prática” poderia definir as nossas atividades diárias, mas... como vivemos estas atividades? Por que as escolhemos? Como nós estamos relacionados com elas? Como as praticamos? Com quais intenções?

Talvez perguntas simples sobre a prática formem o primeiro “embrião” da *práxis* que evolui através de um questionamento necessário à experiência política.

Na concepção de Adolfo Sánchez Vázquez “*toda práxis é atividade, mas nem toda atividade é práxis*”.³ Ela resignifica a nossa presença no mundo como seres de transformação. Constrói a teoria a partir do questionamento sobre a prática e retorna a própria prática com consciência crítica das ações culturais e políticas, das possibilidades inovadoras dentro das forças de movimento da história. Então “nem toda atividade é práxis”, porque ela se concretiza como uma ação intersubjetiva, recíproca, não solitária: busca a evolução política da democracia, visando o crescimento dos movimentos sociais, contrariando os princípios do populismo e a manipulação da democracia por parte das oligarquias. Prevendo uma dialética permanente entre ação e reflexão, entre prática e teoria, entre experiência e pensamento, transcende a prática e também a teoria.

2 MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 103.

3 VÁZQUEZ SÁNCHEZ, A. *Filosofia da práxis*, São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 219.

Enquanto ação questionadora de teoria e prática, não acredito que possa ser reduzida a uma aplicação ortodoxa de uma teoria, porque o mundo está em transformação contínua e qualquer teoria pode ser superada pelo processo de mudança permanente que a *práxis* deve procurar interceptar com suas possibilidades interpretativas: leitura e transformação da realidade, em um fluir contínuo.

Práxis da libertação

Enrique Dussel⁴, inspirando-se em Marx e Horkheimer, considera a *práxis da libertação* como ação consistente em duas fases: uma fase “negativa” de desconstrução da realidade existente e uma segunda fase “positiva” de construção do inédito. Neste movimento de crítica e criação questionam-se as estruturas situadas no poder dominante para edificar um “paradigma de transformação possível”. Poderíamos definir a fase de crítica de uma dada situação como desconstrução de um *poder instituído*, e a segunda fase, ou seja, a saída da situação existente, como criação de um *poder instituinte*. Esta estratégia de crítica e criação é muito clara na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire⁵. De um lado, o livro teoriza o reconhecimento das opressões em situações de dependência e de colonização por parte dos oprimidos; por outro lado propõe a ação dialógico-revolucionária como superação da condição de dependência.

Para ambas as fases estratégicas, a *práxis* requer um processo de problematização de situações existenciais, através do qual os povos oprimidos podem adquirir uma consciência crítica de sua própria condição e inserir-se na luta pela libertação.

Esta ação conscientizadora e transformadora dentro das contradições democráticas é uma contribuição para a democracia participativa dos movimentos sociais. A necessidade de concretude, de uma estrutura organizacional, de democracia interna, de sensibilidade política, de consciência ecológica, é indispensável para a autonomia dos movimentos sociais contra qualquer manipulação. O socialismo, muitas vezes, degenerou em implicações

4 DUSSEL, E. *20 tesis de política*, México: Siglo XXI: Centro de Cooperación Regional para la Educación de Adultos en América Latina y el Caribe, 2006.

5 FREIRE, P. *A Pedagogia do Oprimido*, São Paulo: Paz e Terra, 2006.

autoritárias e populistas porque a base social não construiu as ferramentas culturais e políticas para sua contribuição democrática. Foi aplicado de cima para baixo e um socialismo “oligárquico” não é socialismo. Socialismo, a meu ver, é o grau mais radical, participativo, igualitário da democracia, não pode ser sobreposto ao povo e não se edifica sem a práxis popular.

A conscientização, dentro da práxis popular, surge a partir do ato de transformação da realidade para a mudança das estruturas de poder. Ato que provoca um movimento da consciência sobre a realidade que se pretende transformar. Realiza-se como prática inquieta e criativa, porque a crítica sem experiência inventiva pode tornar-se simplesmente uma atitude, um modo de ser, um pensamento abstrato, perdendo seu potencial para a mudança concreta. A crítica sem engenho é uma forma de vida muito comum: o sujeito acaba limitando sua potencialidade ao pensamento, vê o negativo que está na sociedade, mas não procura - ou não consegue encontrar - as ferramentas para agir. Torna-se, desta forma, constantemente e inofensivamente polêmico. Acaba interceptando aspectos negativos, mesmo quando não existem, encontra dificuldades em distinguir entre as condições subjetivas e objetivas de poder, afasta-se, aliena-se da realidade, porque acredita que não pode intervir e tem medo de encará-la. Acaba se sentindo oprimido e se confunde com a realidade de opressão.

Práxis poética

Aristóteles distinguia ciências poéticas e ciências práticas. As ciências poéticas (artes, poesia, retórica) pertenceriam à “*poiesis*”, a ação que tem o seu fim em um objeto externo a ele. As ciências práticas (ética, política, econômica) teriam como objeto o fim em si mesmo.

O desafio é, superando esta dicotomia, construir uma *pedagogia de práxis*, transcender os limites entre “*poiesis*” e “*práxis*”.

Neste sentido, é imprescindível a dimensão da práxis que Vázquez define *práxis criadora*: a necessidade do ser humano de inventar e criar constantemente soluções que não podem ser reproduzidas ou imitadas de uma forma repetida e ortodoxa. A práxis criadora, então, afirma a não repetitividade das experiências: é um processo permanente porque permanente é a instabilidade das situações humanas e suas diferentes leituras.

No meu ponto de vista, entre as pedagogias que unem sensibilidades estéticas e transformação concreta, o Teatro Político de Augusto Boal⁶ é uma das propostas mais originais e capazes de interpretar de um modo poético a práxis criadora. A ação de conscientização sobre as dinâmicas de opressão, presente em suas técnicas teatrais, surge de uma fervida fantasia capaz de plantar sementes no solo das contradições humanas. É um encontro fértil entre crítica e imaginário que permite repensar a política através das linguagens do corpo, dos símbolos dos sons, do ouvir, do movimento, nas dinâmicas de grupo. Abre sempre mais possibilidades, concretas, reflexivas, estéticas de enfrentar de uma forma alegre e inquieta a alienação social.

Praticar a reflexão e refletir sobre a prática é uma atitude que pode ativar a consciência das nossas ações e que o diálogo criativo e estético viabiliza numa forma multiplicadora, criando espaços e tempos para invenção. A criação, sua valorização da sensibilidade estética e intelectual, é *práxis*, porque nasce do intuito, do pensamento sensível, mas atua através da sua própria elaboração. Emersão da consciência: conscientização. Revela o “eu” na relação com o “outro” e com a realidade conhecível. Com isso, torna-se um processo participativo de conhecimento, um encontro entre subjetividades que se inserem na objetividade contraditória.

A *práxis política* critica a realidade e provoca a conscientização. A *práxis de libertação* é uma ação contra-hegemônicas dentro da conscientização. A *práxis poética* desvela a conscientização e revela sua essência mais profunda.

6 BOAL, Augusto (1931-2009). Dramaturgo, escritor, educador brasileiro. Inventor do *Teatro do Oprimido*: conjunto de técnicas de conscientização política, elaboradas através de jogos e exercícios teatrais que rompem a antiga barreira entre espectador e ator para colocar na interação o sentido mais profundo da relação humana e política. Como o próprio Boal amava dizer: no Teatro do Oprimido não há mais espectadores e atores, mas espect-atores! Entre suas criações lembro o Centro de Teatro do Oprimido no Rio de Janeiro: www.ctorio.org.br. Entre suas obras de teoria teatral e política também *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1975 e *A Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro, Garamond 2009.